

Malcolm Gladwell

ÉPOCA - O senhor se considera um jornalista ou um cientista social?

Gladwell - Sou um jornalista. Nada mudou. Faço o mesmo que fiz minha carreira inteira. Como repórter, investigo assuntos e conto histórias. Isso é o que jornalistas fazem. Não me vejo como um cientista social, nem tento ser. Às vezes tentam me ver como uma espécie de intelectual, mas é exagero.

ÉPOCA - Qual o objetivo de seus livros?

Gladwell - Quero promover conversas. Meu objetivo é fazer com que o leitor enxergue seu mundo de uma forma sutilmente diferente. Não necessariamente desejo convencê-lo do que escrevo. Só quero que ele pense diferente, que seja empurrado numa outra direção para ver o que não via antes.

ÉPOCA - O senhor se interessa mais por fatos científicos ou boas histórias?

Gladwell - Por ambos. Gosto de usar histórias para ilustrar e explicar ideias complicadas por meio das ciências sociais. A forma narrativa, contar histórias, tem um poder que permite ao escritor explicar e introduzir ideias extremamente úteis e poderosas às pessoas. Não é necessário separar os dois.

ÉPOCA - A linguagem simplificada de *David and Goliath* lhe rendeu críticas. Como o senhor responde?

Gladwell - Autores conhecidos como eu são um alvo pronto. Sempre haverá um número determinado de pessoas que me atacará. O tom desse livro é muito mais sutil que do *Outliers*. Isso o torna muito mais complicado. Não sei se há alguma conexão entre o tema e as críticas que recebo. Elas são inevitáveis. E meus livros são feitos para provocar discussão. Tudo isso faz parte.

ÉPOCA - Alguns críticos dizem que o senhor seleciona intencionalmente estudos científicos que provem seu argumento prévio.

Gladwell - Não escolhi dados dessa maneira para escrever *David and Goliath*. Tanto que cito estudos conflitantes no livro e aponto as divergências. A queixa não procede. Também é trabalho do jornalista olhar a literatura acadêmica e filtrar as evidências mais importantes, que mais persuadem e compelem o leitor. Esse é meu trabalho. Se não fizer essa seleção, não informarei as pessoas devidamente. Nunca entendi por que as pessoas temem e reclamam tanto disso.

ÉPOCA - O que pode ser feito com os acadêmicos que tanto reclamam disso?

Gladwell - Vale lembrar que a maioria dos cientistas sociais está firmemente do meu lado. Já recebi prêmios da Associação de Sociologia dos Estados Unidos e da

Associação de Psicologia dos Estados Unidos. Há um número bem pequeno de pessoas que se sentem ameaçadas por eu ser um forasteiro em seu mundo. A abordagem correta é responder a essas acusações e também não tentar se preocupar tanto.

ÉPOCA - O senhor costuma ler as críticas a seus livros?

Gladwell - Procuo não correr muito atrás. Às vezes algumas chamam a minha atenção. Quando são injustas, opto por responder a elas diretamente.

ÉPOCA - Numa nota de rodapé em *David and Goliath*, o senhor diz que até seu pai critica a simplificação dos fatos.

Gladwell - Sim, meu pai é matemático e intelectual. Coloquei aquilo para tirar sarro da minha própria cara. As notas de rodapé servem para leitores que procuram mais detalhes ainda. Essa é sua função. Por isso, resolvi brincar um pouco.

ÉPOCA - As críticas o farão mudar de estilo?

Gladwell - Não vejo motivos. É importante não mudar. Muitos criticam meus livros, assim como vários me elogiam. Não posso deixar a reação de alguns mudar a maneira como conduzo meu trabalho. Guio-me por meus leitores e ando muito feliz com a resposta que venho tendo.

ÉPOCA - Seu livro pode ser uma parábola sobre os limites do poder dos Estados Unidos?

Gladwell - Mais do que isso. A discussão sobre legitimidade está em *David and Goliath*. Os Estados Unidos se comportam como os britânicos fizeram na Irlanda do Norte. Um capítulo inteiro do livro fala sobre o Exército Republicano Irlandês (*IRA, nas iniciais em inglês*). Narra o caso de uma batalha clássica entre um grupo de insurgentes e uma autoridade estabelecida. O governo americano não trata seus aliados legitimamente. Quando você espiona a Angela Merkel (*a chanceler da Alemanha*), comete um erro semelhante ao dos britânicos na Irlanda do Norte. O governo americano precisa entender que todo Goliath tem de caminhar pisando em ovos. E precisa tratar os menos poderosos com respeito. Nunca sabemos o que eles podem fazer.

ÉPOCA - Por que o senhor preferiu usar o caso do IRA, em vez de algum grupo do Oriente Médio, para aplicar sua tese ao terrorismo?

Gladwell - Infelizmente, não é possível escrever uma obra que cubra todos os tópicos e situações possíveis. O capítulo do IRA pode ser aplicado a situações similares. Esse é o ponto de contar uma história. Quero que as pessoas, caso sejam interessadas pelo Iraque, pelo Afeganistão ou pelo Oriente Médio, possam ler aquele texto e tirar lições, ligar as ideias. Essa é minha intenção. •

" Meu objetivo é fazer com que o leitor enxergue seu mundo de uma forma sutilmente diferente "